

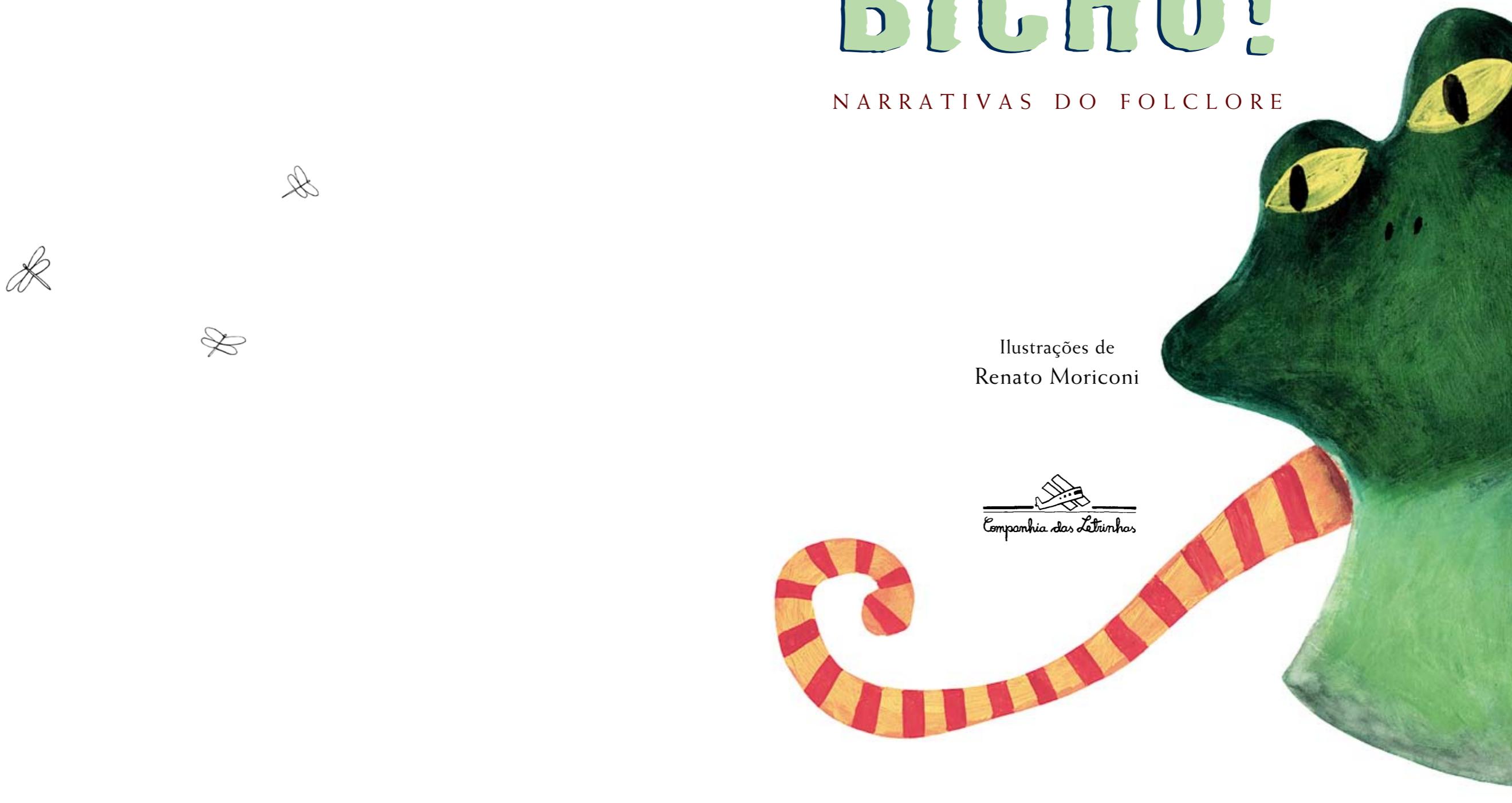


ERNANI SSÓ

VIROU BICHO!

NARRATIVAS DO FOLCLORE

Ilustrações de
Renato Moriconi



Copyright do texto © 2009 by Ernani Ssó
Copyright das ilustrações © 2009 by Renato Moriconi

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico
Helen Nakao

Preparação
Leny Cordeiro

Revisão
Arlete Zebber
Lucas Puntel Carrasco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ssó, Ernani
Virou bicho! : narrativas do folclore / Ernani Ssó ; ilus-
trações de Renato Moriconi. — São Paulo : Companhia das
Letrinhas, 2009.

ISBN 978-85-7406-389-8

1. Folclore — Literatura infantojuvenil. I. Moriconi, Renato.
II. Título.

09-10299 CDD-028.5
Índices para catálogo sistemático:
1. Folclore : Literatura infantil 028.5
2. Folclore : Literatura infantojuvenil 028.5

2009

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletrinhas.com.br

Esta obra foi composta em Weiss, e impressa pela RR Donnelley em ofsete
sobre papel Couché Reflex Matte da Suzano Papel e Celulose
para Editora Schwarcz em novembro de 2009.



SUMÁRIO



Apresentação: belas e feras, 8

A sapa casada, 11

A onça da mão torta, 21

A bela e o lagarto, 23

A chefe dos lobos, 30

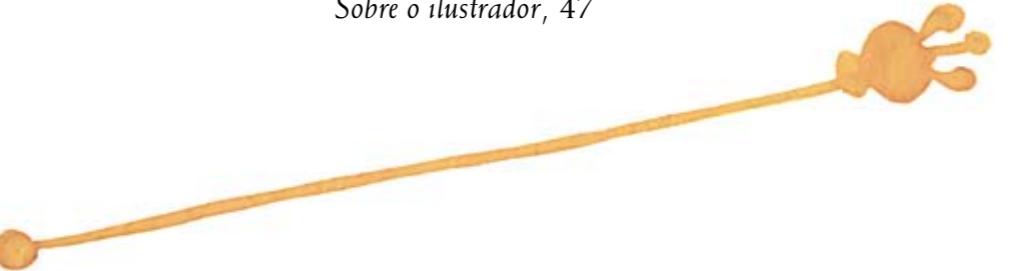
A mãe-d'água, 32

O coração do gigante, 35

O rei sapo ou Henrique de Ferro, 42

Sobre o autor, 47

Sobre o ilustrador, 47



BELAS E FERAS

Ou feras e bonitões, porque há muitas histórias, dessas chamadas de noivo animal, em que as feras são as princesas e os que correm perigo são os príncipes. Mas isso é lógico, não? Todos nós, bem lá no fundo, temos medo de um belo dia acordar abraçadinhos com uma jiboia ou transformados num inseto monstruoso. Todos nós, uma hora ou outra, sentimos que temos outro por dentro, como Bruce Banner tem o Incrível Hulk louco para vir pra fora e virar a casa de cabeça pra baixo. Mas, junto com nosso medo, há o fascínio pelo que é estranho, mesmo que seja terrível, ou por isso mesmo.

Para nós, os homens são homens e a natureza é natureza, com as árvores e os animais. Nós aqui e ela lá. Os ameríndios não sentem essa separação. Para eles, os animais são apenas outra tribo. Então, é natural que a tribo dos homens se misture às vezes com a tribo dos animais. É difícil saber onde termina o bicho e onde começa a pessoa.

Uma pista disso está nas palavras, como sempre. Veja os nomes indígenas. Muitos índios têm nomes de bicho, ou porque parecem com ele de algum modo, ou porque desejam parecer. Os mais famosos foram os americanos Touro Sento e Cavalo Louco. No Brasil do tempo do Descobrimento, tivemos entre tantos outros o chefe Maracajaguaçu (Gato Bravo Grande), pai do conhecido Arari-boia (Cobra Feroz ou Cobra das Tempestades), que mandava na ilha Paranapuã, hoje Ilha do Governador, um bairro do Rio de Janeiro. Mas isso é pouco perto do célebre guerreiro tupinambá Cunhambebe. Quando o mercenário alemão Hans Staden disse que gente não devorava gente, ele respondeu, enquanto mastigava um pedaço da perna de um inimigo: "Eu sou uma onça. É gostoso". Depois dessa, acho graça que Cunhambebe signifique "Com Fala Mansa".

Mas para os heróis das histórias deste livro não é gostoso ser onça ou qualquer outro bicho. É uma maldição. Eles querem é voltar correndo para

a tribo dos homens. É claro que só o desejo não basta. É preciso muita luta, amor, bondade e uma paciência de água mole furando pedra dura. Dá um trabalho danado virar gente.

As histórias das princesas são tão boas como as dos príncipes. Têm o mesmo impacto visual e o mesmo humor absurdo ou a mesma delicadeza, sem esquecer o mesmo romantismo. Mas, na corrida contra o tempo — lá se vão alguns séculos —, os príncipes acabaram sendo os preferidos do público. Parece ser mais fácil imaginar o mocinho como fera e sentir pena da mocinha.

Foi um problema escolher as histórias — são muitas e boas. Então apostei na diversidade, em casamentos mostrados de ângulos diferentes, quase sempre com humor. A maioria é da tradição europeia, mesmo que os novos tenham circulado por muitas outras terras. Veja-se "A mãe-d'água", por exemplo: uma ninfa do Velho Mundo tem a mesma cara da Uiara, a ninfa do mito indígena. É pouco? Ela é praticamente igual à mulher de um lindo conto esquimó, "Pele de foca".

Brasileira mesmo, há uma história. "A onça da mão torta" é tão brasileira como a jabuticaba. Mas ela não entrou neste livro porque eu sou patriota. Entrou porque é boa como uma jabuticaba.

Além de nos divertir com suas aventuras ou desventuras, esses príncipes e princesas estão nos dando a dica: aprendam a lidar com a fera que há em vocês e com a fera que há nos outros. Tenham cuidado, muito cuidado, porque já houve caçador que virou bicho e por isso virou caça.

E. S.

